



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FABRÍCIA ARAÚJO BATISTA

**“KIT CONTAGIAR”
ERA UMA VEZ ... A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA**

CAMPINA GRANDE-PB
DEZEMBRO/2011

FABRÍCIA ARAÚJO BATISTA

“KIT CONTAGIAR”

ERA UMA VEZ ... A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do grau acadêmico de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. CRISTIANE MARIA NEPOMUCENO

CAMPINA GRANDE-PB
DEZEMBRO/2011

B326k

Batista, Fabrícia Araújo.

Kit Contagiar [manuscrito]: era uma vez...a literatura infantil na escola./
Fabrícia Araújo Batista. – 2011.

31f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) –
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno, Departamento
de Educação”.

1. Literatura infantil. 2. Leitura. 3. Escola. I. Título.

21. CDD 808.068

FABRÍCIA ARAÚJO BATISTA

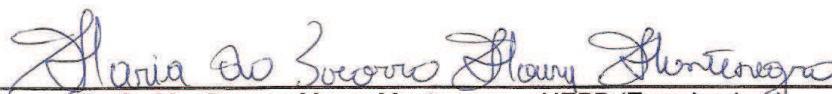
**“KIT CONTAGIAR”
ERA UMA VEZ ... A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA**

Aprovada em 02 de dezembro de 2011

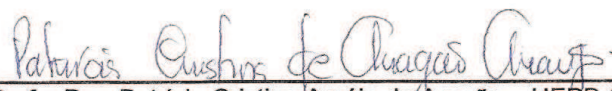
NOTA: 10



Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno – UEPB (Orientadora)



Profa. Ms. Socorro Moura Montenegro – UEPB (Examinadora)



Profa. Dra. Patrícia Cristina Araújo de Aragão – UEPB (Examinadora)

Àquela mulher única, insubstituível,
inigualável.

Que me carregou no seu ventre durante
nove meses.

Que sorriu ao compasso da dor do parto.

Que abdicou do desejo de ser mulher para
ser mãe.

Que foi minha amiga, meu porto seguro,
meu refúgio, minha fortaleza.

Minha MÃE que se encontra agora nos
braços do Pai.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A todos que fizeram parte da construção e consumação deste trabalho. Meus mais sinceros agradecimentos.

... A Deus, meu Pai Celeste, que me fortaleceu quando fraquejava, ajudando-me a superar as dificuldades da vida, mesmo por mim tantas vezes não merecido o seu amor incondicional.

... Ao meu pai Antônio Batista de Sousa que da sua maneira me conduziu ao mundo do conhecimento. Em especial a minha mãe Maria de Fátima Araújo Batista (*In memoriam*) que com sua serenidade, firmeza, paciência, carinho, afeto, dedicação, atenção e amor cumpriu sabiamente a missão que lhe foi confiada por Deus, exemplo disso são as lágrimas de saudades sempre derramadas.

... Aos meus irmãos Alex, Andécio e Fabiene Araújo Batista, minha família, que suportaram todas as minhas angústias e me ajudaram durante todos esses anos a seguir o caminho que Deus e nossa mãe nos ensinou. Obrigada por relevar os gritos e desabafos durante a realização deste trabalho.

... Aos meus familiares que tornaram este percurso menos conflitante. Sobretudo a minha avó Alaíde Diniz Araújo, 84 anos de pura sabedoria, e a minha Tia (mãe) Maria Marques Diniz que me adotou como filha há quatro anos e vem cumprindo adoravelmente este papel materno.

... As minhas eternas amigas Camila, Gabrielle, Raíssa e Rosimari que tornaram os quatro anos de curso mais alegres. Obrigada por me fazer rir, por enxugar minhas lágrimas, por me dar conselhos, por aguentar meu abuso, enfim, sou-lhes grata pela amizade verdadeira. Sentirei saudades!

... A minha professora orientadora Cristiane Maria Nepomuceno, que com sua sabedoria, dedicação e sua maneira singular de ensinar me conduziu a procurá-la para orientar este trabalho. Obrigada pela paciência, atenção e ensinamentos que vão além dos estudos acadêmicos.

... À Socorro Moura Montenegro que, com sua maneira singular de ser, me proporcionou momentos prazerosos de leitura no projeto “A Pedagogia contando história”, um dos motivos aos quais a literatura infantil foi o *locus* do meu trabalho.

... À Patrícia Araújo Aragão que com sua espontaneidade, dedicação, carinho, entusiasmo e amor ao ministrar as aulas do componente curricular “Conteúdo e Metodologia do Ensino de História” aguçou em mim o desejo pelos livretos de cordéis, motivo esse que fez com que escrevêssemos um artigo referente ao tema.

... À professora Vera Lúcia Dias de Oliveira por confiar em mim para ser monitora de seu projeto “Kit contagiar”, o qual direcionou a minha pesquisa. Obrigada pelas contribuições significativas para o meu crescimento pessoal e sobretudo profissional.

... A todos os professores que contribuíram para minha vida acadêmica. Ensinos que ficarão guardados para sempre.

... À direção da escola na qual realizei a pesquisa, a professora regente e aos alunos que participaram de maneira efetiva das atividades lúdicas de leitura.



Pirlimpimpim...

Viajaremos pelo mundo mágico da literatura infantil. Um mundo onde o impossível torna-se possível num passe de mágica, porque tudo que precisamos fazer é deixar a imaginação fluir, e isso eu tenho de sobra, vocês hão de concordar. Então vamos deixar de conversa fiada e ir ao ponto que nos interessa, "O fantástico universo da literatura infantil", adorei esse tema.

Histórias incríveis são contadas e vividas ao longo dos tempos pelos inúmeros personagens infantis. Eu e a turma do Sítio do Picapau Amarelo temos muitas histórias para contar, pois viajamos por todos os lugares num piscar de olhos, ou melhor, num seprar do pé de pirlimpimpim. Sim, um pozinho capaz de nos transportar ao mundo imaginário.

Assim, convido vocês a viajarem comigo por esse universo fabuloso que é a literatura infantil. Não precisa ser criança para se envolver com as histórias, adultos e até bonecas são bem recebidos, basta apenas afloar o seu imaginário. Estão prontos?

Pirlimpimpim!

RESUMO

Esta monografia apresenta os resultados de um estudo acerca da literatura infantil que tomou como objeto de estudo o projeto de leitura “Kit Contagiar”, cuja proposta é despertar, de forma lúdica, o gosto pela leitura. Metodologicamente, o estudo é de natureza qualitativa, sobretudo exploratória e descritiva, estruturado a partir da observação e sistematização de dados. Tal estudo foi desenvolvido durante os meses de setembro a novembro do ano de 2011, tomou como universo empírico a Escola Municipal Presidente Kennedy, especificamente alunos do segundo ciclo inicial, com faixa etária diversificada, de 8 a 14 anos. A pesquisa objetivava observar se a leitura “por prazer” poderia proporcionar o desenvolvimento de habilidades, ou seja, se a leitura não direcionada pode ensinar, educar, aguçar o imaginário, contribuir para a criticidade, a autonomia e construção da identidade. Também buscamos verificar como a prática lúdica em sala de aula dos diversos gêneros literários contidos no “Kit Contagiar” (gibis, livros, cordéis, fantoches, CDs, DVDs e outros) contribui para a construção do conhecimento do educando, além de investigarmos se tais práticas desenvolvem no educando o gosto pela leitura. Esta pesquisa pode ser considerada, quanto à natureza, como empírica, um estudo de caso fundamentado por uma pesquisa bibliográfica, que forneceu a base para elaboração do roteiro para a observação (olhar, ouvir e falar). Dentre os estudiosos lidos estão Amarilha (1997), Abramovich (1997), Coelho (1987), Dinorah (1995), Zilberman (2007), Costa (2007), José (2007). Ao término da pesquisa podemos ter uma visão consistente no que se refere ao uso lúdico da literatura infantil no ambiente escolar: constatamos que é uma prática que contribui sim para despertar o prazer pela leitura por estar envolvidos num mundo fantástico, encantado e maravilhoso, facilitando dessa forma a formação do leitor na construção de seu conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil; Leitura; Escola; Lúdico

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – JANELA COM VIDRO DANIFICADO.....	58
FIGURA 2 – FORMAS DE EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS	58
FIGURA 3 – SALA DE AULA DO SEGUNDO CICLO INICIAL	58
FIGURA 4 – SALA DE INFORMÁTICA E LEITURA COM INFILTRAÇÕES.	58
FIGURA 5 - DVDs QUE FAZEM PARTE DO PROJETO “KIT CONTAGIAR.....	59
FIGURA 6 – LIVROS E FANTOCHES QUE FAZEM PARTE DO PROJETO “KIT CONTAGIAR”	59
FIGURA 7 – UMA DAS CAIXAS DECORADAS DO “KIT CONTAGIAR”	59
FIGURA 8 – ALGUNS CORDÉIS DO “KIT CONTAGIAR”	59
FIGURA 9 - ALGUNS FANTOCHES QUE FAZEM PARTE DO “KIT CONTAGIAR”	59
FIGURA 10 - ALGUNS GIBIS QUE COMPÕEM O PROJETO “KIT CONTAGIAR”	59

SUMÁRIO

“SENTA QUE LÁ VÊM A HISTÓRIA”	14
CAPÍTULO I - ERA UMA VEZ... UMA BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL.....	18
1.1 A escola entra no mundo do “faz de conta”	22
1.1.1 E viveram felizes para sempre... A magia dos Contos de Fadas	22
1.1.2 Poesia: um sopro de inspiração	24
1.1.3 Histórias vividas no “apertar dos quadrinhos”	26
1.1.4 E a moral da história? Os Mitos e as lendas.....	27
CAPÍTULO II - ERA UMA VEZ... RETOMANDO OS CAMINHOS PERCORRIDOS.....	31
2.1 Os caminhos trilhados na pesquisa de campo.....	31
2.2 O projeto de leitura: “kit contagiar”	34
CAPÍTULO III - ERA UMA VEZ... A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA: O PROJETO “KIT CONTAGIAR”	39
3.1 O contexto da observação	39
3.1.1 A turma	41
3.1.2 A professora	43
3.2 A intervenção	46
3.2.1 Nossos encontros	47
CONSIDERANDOS: FORAM FELIZES PARA SEMPRE?.....	51
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICES	57
ANEXOS	60

Era uma vez

“SENTA QUE LÁ VEM A HISTÓRIA”*

Ouvir histórias ainda lhe faz voar, sonhar, imaginar? Quantos ensinamentos você recebeu quando criança que ainda hoje conserva? Como nos diz Coelho, “afinal, quem não se lembra de alguma história ouvida na infância” (1987, p.8).

A relação do ser humano com a contação de histórias é mais antiga do que a existência da escrita. Na Antiguidade as narrativas cantadas e contadas faziam parte do encantamento humano, constituía uma necessidade primária e fundamental do ser humano, a fim de que as lembranças não fossem apagadas pelo tempo, mas eternizadas pelas memórias. As sociedades simples, a exemplo das indígenas e africanas, tinham na oralidade sua principal fonte de conhecimento, através das estórias se exemplificava, ensinava e transmitia valores (JOSÉ, 2007, cf. p. 47-48), características que muitas delas ainda hoje preservam.

O deleite proporcionado pela contação de histórias transcorre o tempo, nos faz recordar das narrativas oralizadas há algum momento, uma vez que o prazer das histórias nos permite o reconto, dificultando o esquecimento. Quando as histórias contadas foram parar nos livros, o seu encanto para o universo infantil permaneceu? A possibilidade de encantar, estimular o imaginário e transmitir ensinamentos ficou?

A escolha por esta temática se deu “norteada” pelo desejo de responder estas questões e muitas outras surgidas a partir dos estudos teóricos proporcionados pela academia. Entretanto, o “apego” a esta temática veio principalmente da participação no projeto de extensão: “A Pedagogia contando história”, coordenado pela Profa. Socorro Montenegro, que me fez encantar pelo universo da literatura infantil. Posteriormente, o convite para participar como monitora de uma intervenção pedagógica na Escola Municipal Presidente Kennedy, a partir da aplicação do projeto de leitura “Kit Contagiar”, marcou em definitivo a escolha pelo tema. Cada novo conhecimento a respeito do universo literário infantil reforçava mais o gosto e o interesse pelo mesmo, assim, aprender a trabalhar com a literatura infantil tornou-se um desafio na minha formação: tornar-me uma profissional que irá tratar a salas de aula como ambientes de aprendizagem, sendo que o lúdico e a imaginação estarão atrelados ao processo – e nesse sentido, o jogo ficcional presente na literatura

* “Senta que lá vêm a história” é o nome de um quadro do Programa da TV Cultura: Castelo “Rá-Tim-Bum”.

infantil será parte imprescindível dessa futura prática, pois na sala de aula as narrativas devem “disputar” o lugar com os conteúdos didáticos.

Tomar o projeto de leitura “Kit Contagiar” como objeto de estudo pareceu ser o caminho mais viável, visto o projeto em questão está estruturado dentro da proposta de estudo que me interessava: mostrar que a leitura não direcionada pode ensinar, educar, aguçar o imaginário, contribuir para a autonomia e construção da identidade. Participar como monitora do projeto permitiu-me ampliar a compreensão do ato de ler, perceber que existem diversas maneiras de trabalhar; letras e números são relevantes para a cognição, mas o encanto das histórias também dá suporte para uma aprendizagem efetiva, as habilidades desenvolvidas a partir do jogo simbólico das palavras.

A partir da estruturação da proposta a pesquisa foi desenvolvida, a qual, de modo geral, pode ser considerada como de caráter analítica descritiva com uma abordagem qualitativa, apoiada na pesquisa bibliográfica e de levantamento diagnóstico. Contudo, esta também pode ser classificada como do tipo pesquisa ação, pois como nos dizem Moreira e Caleffe (2008), “(...) a Pesquisa-Ação é uma intervenção em uma pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção” (2008, p. 89-90).

A partir da aplicação do projeto de leitura “Kit Contagiar”, que passarei a chamar de intervenção pedagógica, a pesquisa para o levantamento dos dados foi realizada. A observação se deu a partir da intervenção, foi desenvolvida durante os meses de setembro a novembro do ano de 2011 e tomou como universo empírico um grupo de alunos do segundo ciclo inicial, com faixa etária diversificada, de 8 a 14 anos. Para subsidiar nossa pesquisa foram lidos vários estudiosos: Amarilha (1997), Abramovich (1997), Coelho (1987), Dinorah (1995), Zilberman (2007). Costa (2007), José (2007), dentre outros.

O presente estudo está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, elaboramos um breve histórico sobre a literatura infantil, enfatizando a importância da utilização dos diversos gêneros literários para o desenvolvimento do leitor, no caso: os contos de fadas, a poesia, as histórias em quadrinhos, os mitos e as lendas; no segundo capítulo dissertamos sobre a metodologia que viabilizou a obtenção dos resultados aqui apresentados, também apresentamos o projeto “Kit Contagiar”, a caracterização da área de estudo, os sujeitos pesquisados e a participação da professora regente na prática desenvolvida na sua sala de aula; e,

no terceiro capítulo apresentamos o resultado da observação e analisamos as informações obtidas.

Esperamos, com os resultados aqui apresentados, propiciar uma visão consistente no que se refere ao uso lúdico da literatura infantil no ambiente escolar, e que, mesmo de forma lúdica, o presente estudo contribua para formação plena do educando.

(...)

Eles eram um rei e uma rainha de um reino muito distante e encantado. Para casar com ela, ele tinha enfrentado mil perigos, derrotado monstros, sido ajudado por uma fada, tudo aquilo que a gente conhece das histórias antigas que as avós contavam e que os livros trazem cheios de figuras bonitas e coloridas.

Depois, viveram felizes para sempre. Isso era o mais difícil de tudo. Viver feliz para sempre não é fácil, não. Para falar a verdade, nem é muito divertido. Fica tudo tão igual a vida inteira que é até sem graça.

E eles conseguiram essa felicidade para sempre porque tiveram alguma sorte e muita esperteza. A sorte era que eles e a filha tinham saúde e gostavam muito um do outro. A esperteza era que toda vez que aconteciam problemas e aborrecimentos eles procuravam resolver, mas não achavam que eram infelizes. O Rei costumava dizer nessas horas: Estou preocupado, mas isso passa. Ainda bem que eu sou feliz.

E passava mesmo. Eles podiam ficar tristes, zangados, furiosos da vida, chateados, aborrecidos, até mesmo infelizes. Mas isso era só um jeito de estar um tempo. O jeito de ser era feliz.

(...)

Fragmento do texto: “**História meio ao contrário**”

Ana Maria Machado (1ª edição: 1978)

CAPÍTULO I

1. ERA UMA VEZ... UMA BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

O encantamento pelos contos, lendas, histórias acompanham a humanidade desde sempre. E as histórias infantis sempre foram parte de um mundo fantástico, um imaginário do “faz-de-conta” que, além de encantar, sempre serviu de recurso para ensinar, um referencial lúdico para compreender o mundo e a realidade.

É certo que, à medida que a humanidade evoluía, as formas de registro e transmissão das histórias foram mudando. Hoje, poucos se sentam ao redor de uma fogueira, poucos se sentam nos colos dos avós, poucos dormem ouvindo alguém lhes contar uma história; mas é sabido que muitos se apropriam do universo das histórias infantis através dos livros, porém tal contato com os gêneros literários por muitas vezes é transmitido por um viés pedagógico, moralizante, inibindo qualquer forma de deslumbre ao texto lido/ouvido. No universo lúdico da literatura não há espaço para a moral da história, as narrativas devem causar fruição e não insatisfação.

Entre os séculos XII e XIV, em plena Idade Média, teve início o primeiro movimento literário da língua portuguesa, o Trovadorismo. A letra e a música de canções compostas pelos poetas trovadores eram divulgadas através dos jograis e menestréis, recitadores, cantores e músicos, em sua totalidade constituído de homens, uma vez que não era dado as mulheres o direito à alfabetização (BELLEZI; JORDÃO, 2007, p. 53). Nos diz Gouveia que, “Na Idade Média, o contador de histórias era bem vindo e respeitado em toda parte. As crônicas atestam que em grande parte da Europa os trovadores, os jograis, os menestréis iam de palácio em palácio, de aldeia em aldeia, contando as suas histórias” (2003. p.17).

De acordo com Burlamaque (2004), a Idade Moderna configura-se como um período marcado por revoluções intelectuais decorrentes dos movimentos culturais e econômicos da história europeia. Por volta do século XVII a literatura constituiu-se como gênero devido à reorganização do ensino e a formação do sistema burguês, porém as narrativas só passaram a ser compartilhadas entre as crianças e os adultos por volta do século XVIII. Ainda de acordo com a mesma estudiosa, a partir

deste mesmo século, a escola e a leitura começaram a obter atenção, abrangendo dois novos públicos leitores, as crianças e as mulheres, que até então eram impossibilitados do exercício educacional e instrucional.

No contexto histórico da modernidade, a literatura infantil foi atrelada à escola com fins didáticos e pedagógicos, passando a ser caracterizada como responsável e parte da educação formal, escolarizada. Nesta perspectiva, o texto literário submeteu-se às normas do sistema escolar e aos objetivos da aprendizagem, como nos diz Costa, uma “literatura escolarizada (...) [na qual] busca-se literatizar a escolarização infantil” (2007, p. 62).

Os livros que compunham textos literários foram sendo adaptados para as crianças. Os contos populares, as lendas e as fábulas formaram os primeiros repertórios da literatura infantil, porém, com o passar do tempo, os contos de fadas, as poesias, os poemas, o teatro, as histórias de aventura e acumulativa também passaram a fazer parte deste universo literário. No entanto, a visão do adulto prevalecia nas obras, os anseios infantis eram desconsiderados, pois esta literatura servia para a aculturação das crianças, criando padrões de comportamento, higiene e virtudes (AMARILHA, 1997).

Em se tratando da literatura infantil no Brasil, Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel foram os primeiros brasileiros a se preocuparem com este gênero literário, foram eles que traduziram as obras dos irmãos Grimm¹, Andersen e Perrault (DINORAH, 1995, p. 33). Este mesmo pensamento é compartilhado por Góes,

(...) a gênese da Literatura Infantil conta com o trabalho de Perrault e os irmãos Grimm, colecionadores de histórias folclóricas que tiveram suas obras republicadas e adaptadas, infinitas vezes. Com base nessa proposta literária universal, surgem, em diversos países, outras propostas para o enriquecimento da Literatura Infantil (1984, p. 89).

Ainda de acordo com Góes (1984), a Literatura Infantil chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses que importavam suas obras infantis para o público brasileiro, além de trazer outras tantas oriundas de outros países europeus. Mas, em nenhum momento podemos deixar de lado a contribuição dos africanos e

¹ Do conjunto das obras dos irmãos Grimm fazem parte histórias como: “Cinderela”, “Rapunzel”, “Branca de Neve e os sete anões”, “A pequena Sereia”, “A Bela adormecida” e tantas outras histórias popularmente conhecidas.

indígenas que, através da oralidade, tornaram muito mais “rico” e fantasioso o universo das histórias infantis em nosso país.

No Brasil, somente no século XX a literatura infantil, a partir dos escritos de Monteiro Lobato, apareceria nos livros didáticos, especificamente em 1917 com a obra “Narizinho Arrebitado”. Todavia, como nos diz Dinorah, os textos eram voltados para moralizar e ensinar conteúdos, não contribuía para uma leitura prazerosa, que na sua essência acalma, prende a atenção da criança, ao mesmo tempo em que informa, educa, socializa, alimenta o imaginário, favorece aceitação de diversas situações cotidianas, ajuda a resolver conflitos, melhora o vocabulário e a escrita (1995, cf. p. 55-57).

Ao longo do tempo, a literatura infantil foi perdendo o caráter funcional (de exemplificar e ensinar) e gradativamente assumiu seu lado lúdico. Atualmente, os textos utilizados permitem a fruição da leitura, o jogo simbólico das palavras e imagens contidas nas histórias, o aguçar da imaginação, o encantamento do lúdico, da fantasia, as emoções experimentadas da ficção para a realidade; sentimentos como os de medo, alegria, tristeza, dor e raiva, são contribuições diretamente ligadas às obras infantis a partir do deleite na leitura e não dos objetivos pedagógicos almejados.

1.1 A escola entra no mundo do “faz de conta”

Dentre as inúmeras vantagens da inserção da literatura infantil na escola está no fato de que, a partir do contato com a mesma, a criança mantém o elo entre o real e o imaginário. As histórias e as experiências nos livros relatadas contribuem, de forma imediata, para a diversão da criança e, posteriormente para que a mesma aprenda a dar sentido à leitura², à medida que percebe que o mundo do “faz de conta” tem correspondência com o mundo real; e esta talvez seja uma das principais razões para justificar a presença da literatura infantil no contexto escolar.

Em todo caso, a literatura infantil e a escola compartilham de um aspecto em comum: a natureza formativa; seja no conteúdo fictício das obras, seja na realidade da sala de aula, a formação dos indivíduos são finalidades presentes em ambas. É

² “[...] A leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos.” (CHARTIER, p. 07)

certo que a escola em alguns momentos contribui para o desgosto pela leitura, pois conforme Soares (1999) a escolarização inadequada da literatura infantil são consideradas “[...] atividades que se desenvolvem sobre os textos [que] não se voltam nem para a textualidade nem para a literariedade do texto [...] o texto literário é transformado, na escola, em texto informativo, em texto formativo, em textos para exercícios de metalinguagem.” (p. 47) e nisso faz uso da literatura para ensinar a ler, escrever e moralizar; usos “viáveis” para a mesma, pois, como escreve Zilberman, a literatura sintetiza por meio da ficção uma realidade muitas vezes vivenciada pelo leitor/ouvinte, por meio da fantasia o escritor busca de forma não arbitrária o conhecimento e desenvolvimento do leitor e ouvinte, ajudando-o a se conhecer melhor e a resolver seus problemas (2003, p. 25). É possível afirmar que uma visão semelhante da literatura é compartilhada por Elias José quando afirma:

A Literatura pode nos levar a um mundo idealizado, capaz de nos dar, sem nos alienar, o que o cotidiano nos nega. A literatura pode nos levar a conhecer pessoas, personagens de ficção, que geram em nosso espírito simpatia ou antipatia, e possibilitam que o nosso “eu” se encontre e se reconheça ou se estranhe em diferentes “eus”. (2007. p. 19)

O mundo do “faz de conta” nos possibilita aguçar o imaginário, um momento de interiorização e criatividade de pensamentos, atos e conceitos. Imaginar pode nos aludir a um tempo remoto como também para um tempo que ainda está por vir, isso por muitas vezes de maneira engraçada, cheio de cores e formas detalhadas, mas também desperta outros contextos e sensibilidades. É “(...) descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (...)” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Dessa forma, o professor como mediador do conhecimento deve criar oportunidades lúdicas para que seus educandos saboreiem as obras literárias e sintam prazer em ler um livro, em contar a história e recontá-la quantas vezes se encantar, além de procurar ser um modelo de leitor para o seu aluno de modo que proporcione uma maior credibilidade ao seu aluno no contexto da escola, até porque, conforme Bragatto Filho

“[...] os alunos percebem e sentem facilmente se o professor cultiva a leitura e se interessa pelos livros: pelo destaque que dá as atividades de leitura; pelo próprio testemunho de professor, lendo para e com os alunos; pela forma expressiva e apaixonada de ler em voz alta para a classe; pelos sábios e entusiasmados comentários que tece sobre os livros, autores, assuntos, estilos, passagens dos textos, atuação dos personagens, etc. Isso tudo seguramente, pode ser contagiante!”

Para o professor é imprescindível compreender que a literatura infantil possibilita o desenvolvimento de habilidades, desenvolve o espírito crítico, a construção de identidade e autonomia, porém sem cobrança após a leitura. A escola, na figura do professor, deve favorecer aos alunos competências leitoras, levando-os a resgatar as palavras e situações cotidianas, saindo da passividade para a criticidade inerente as situações atuais (BURLAMAQUE, 2006, p. 86).

Contos de fadas, poemas, poesias, fábulas, lendas, mitos, teatro, histórias acumulativas e de aventuras devem fazer parte do repertório literário infantil em um jogo ficcional de faz de conta. O anseio de estar em contato com esses gêneros literários proporciona entrar no mundo de fantasia sem sair da realidade, uma excelente oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento a partir do lúdico. Portanto, o educador deve ter consciência de sua responsabilidade na promulgação de uma leitura prazerosa ou não em sala de aula. Segundo Burlamaque (2006, p. 80), “a criança no ambiente escolar, deve ter contato com uma diversidade de leitura e impressos que possam proporcionar habilidades e competências necessárias à sua formação leitora”.

Nesse contexto, tais gêneros textuais³ são relevantes no processo de leitura lúdica, pois cada obra tem o poder de transpor o real aludido pelas histórias. O sono em estado de morte, o nariz que cresce a medida do contar de uma mentira, a maçã enfeitiçada deixando quem a come em um sono profundo, a força do sopro ao derrubar casas, animais que falam, aventuras “inimagináveis” são algumas das múltiplas facetas proporcionadas pelo universo imaginário das obras literárias infantis.

³ “[...] os gêneros são reconhecidos por suas características distintivas que parecem nos dizer muito sobre sua função. Somos, então, tentados a analisar os gêneros selecionando essas características regulares que percebemos e descrevendo a razão para tais características, com base no nosso conhecimento de mundo.” (BAZERMAN, 2005,p.38)

1.1.1 E viveram felizes para sempre... A magia dos Contos de Fadas

Decorrentes da necessidade que os homens tinham de atribuir um significado aos fatos que ocorriam ao seu redor, de acordo com alguns estudiosos, os contos de fadas provêm da ação de contar, uma vez que, nas primeiras idades do mundo, os homens não escreviam, suas lembranças concentravam-se na oralidade e, quando a memória falhava, a imaginação surgia para supri-la, tornando-se assim presença constante em suas vidas.

Tendo sido originários de relatos primordiais, estabelecer a origem exata dos contos de fadas é uma atividade praticamente impossível. Alguns autores apresentam possíveis origens; Cavalcanti diz que, para a teoria da Monogênese,

(...) os contos foram produzidos numa região, e de lá migraram para outros lugares onde se adaptaram e contextualizaram aos padrões culturais, ou ainda ao surgimento espontâneo de histórias semelhantes em pontos e civilizações totalmente distintas (2002, p.46).

Enquanto para Khéde,

(...) as origens dos contos de fadas são as mais diversas. Provenientes de contos folclóricos europeus e orientais há neles um interessante cruzamento de princípios, entre os quais predominam os judaico-cristãos e os da vertente mítica da antigüidade greco-latina (1990, p.16).

Já para Góes, o mito surgiu primeiramente e deste nasceu os contos, os quais “nasceram na alma do povo. São a representação, como se vê pela própria etimologia da palavra ‘fada’ - ‘fatum’ - o fado -, portanto, do Destino do Homem” (1984, p.67).

No entanto, mais importante do que conhecer o local de origem é saber que os mesmos surgiram não apenas da imaginação, mas, sobretudo, baseados em acontecimentos reais, tendo em vista explicá-los e criticá-los, tanto é que neles permeiam assuntos como a riqueza, a supremacia do poder e o trabalho.

Neste sentido, Charles Perrault foi nomeado por Barine (*apud* JESUALDO, 1978) como “Homero Burguês”, devido ao fato de seus contos serem uma escola para o conhecimento do seu tempo, pois eles permitem ver o quanto há de real em seu imaginismo, dando ao maravilhoso um lugar modesto em sua literatura.

Explicando a trajetória percorrida até o surgimento dos contos de fadas, Jesualdo (1978, p.112) afirma que o mesmo

(...) é uma tradução de fatos ou intenções geralmente da intenção do seu criador, mas recolhidos da experiência popular, inspirados em sucessos reais, por vezes na História, em que esse sentido fatalista e inexorável da lenda já não pressiona o desenvolvimento do conhecimento que se transmite. O processo se fez simplesmente assim: da palavra, em imagem viva e animada, surgiu o mito e deste, nasceu o conto.

No decorrer do tempo, os contos foram obtendo características particulares, como a intervenção do maravilhoso e dos personagens abstratos. Tais características são fatores essenciais para o aumento do desejo da criança em ler, visto que configuram-se numa fuga para um local de isolamento, longe da cruel realidade. Para Cavalcanti (2002, p.55) “não é a mentira que é posta em questão, mas a possibilidade de conduzir o leitor/ouvinte a experimentar outras existências”, e ainda afirma que

(...) as histórias que constituem em contos de fadas extrapolam a dimensão do maravilhoso porque se constroem a partir de imagens metafóricas com infinita capacidade de gerar tensão, provocando não somente o lúdico, mas também o jogo antagônico e a busca de solução para a superação dos obstáculos (2002.p.43).

Por esse motivo, muitas pessoas condenam a divulgação dos contos de fadas entre as crianças, alegando que, mais dia menos dia, o desengano chega a sua alma deixando um sentimento de amargura e de dor.

Uma outra característica dos contos de fadas, seu caráter moralista, faz com que muitos críticos condenem o seu uso entre as crianças. Autores como Germán Berdiales e Antoniorrebles (apud JESUALDO, 1978, p.40) asseguram que não se deve apresentar à criança o conto “Chapeuzinho Vermelho” por ser espantoso ver um lobo que devora uma velhinha e sua neta; eles dizem que são contos que fomentam o aparecimento de malfeitores e assassinos.

Entretanto, independente de serem reais ou não, de induzirem ou não à um comportamento inadequado, são as próprias crianças quem decidem se para elas as coisas existem ou não, se devem ser seguidas ou não, dependendo do que sua imaginação as aceita como tal.

1.1.2 Poesia: um sopro de inspiração

O gênero literário que sofre os maiores preconceitos editoriais, segundo Abramovich (1997. p. 66) é a poesia, pois muitos poetas brasileiros não apresentam obras infantis por acreditarem que devem ser caracterizadas por fins moralizantes, limitadas, com temas periódicos e ridículos. Assim, o gênero que prevalece é a narrativa, a poesia por muitas vezes é deixada à margem ou quando utilizada é direcionada a datas comemorativas, como revela Amarilha (1997. p.26)

A poesia ocupa um lugar muito reduzido, sendo-lhe reservada, na maioria das vezes, uma função ornamental nas datas festivas do calendário escolar ou cívico. Atribuo essa situação pouco estimulante da poesia, na escola, à precária atenção que temos dado ao gênero poético enquanto provedor de estímulo intelectual, formação cognitiva e estética ao aprendiz mirim, consequentemente como provedor de prazer.

Poesia infantil é antes de tudo uma reviravolta nas emoções, sensações e imaginações dos leitores, uma forma de brincar com as letras, dando vida, significado e contagiando através das rimas numa ludicidade verbal, sonora e até musical. O jogo com as palavras encanta os leitores/ouvintes, uma vez que as aliterações e repetições de fonemas produzem efeito lúdico, gostoso de ouvir. As rimas são recursos poéticos gostosas de ler e ouvir quando bem escolhidas, bem trabalhadas (ABRAMOVICH, 1997, p. 72).

O prazer ao ler versos rimados e ritmados numa musicalidade lúdica é fascinante quando nos envolvemos na leitura. Todos os sentidos são aflorados diante de uma leitura, os “(...) olhos que vão seguindo linhas e linhas, dado pela voz que fala, pelo corpo que se move junto, seguindo o compasso dos versos, a cadência do poema, o acontecimento por inteiro” (ABRAMOVICH, 1997, p. 76).

João Paulo Paes em sua obra *É isso ali* (2005) nos afirma que “A poesia não é mais do que uma brincadeira com as palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver, não é poesia: é papo furado.” A linguagem poética fala de emoções, sonhos, desejos, vivências infantis, podendo ser contados através de narrativas sob a forma de versos tão agradáveis

que não se tratam apenas de versos, mas de uma prosa poética capaz de envolver o leitor. Dessa forma, tratar a poesia em sala de aula é antes de tudo um comprometimento do profissional para com os sonhos, emoções e imaginações infantis. Conhecer bem o que irá ler, dar ritmo, sentido a cada estrofe é relevante e talvez decisivo para um gostar poético infantil.

De acordo com Pas (apud AMARILHA, 1997, p. 33), “o mundo do homem é o mundo do sentido. Tolerar a ambiguidade, a contradição, a loucura ou o caos, não a carência de sentido.” Constatamos, então, que a poesia traz ao leitor inúmeras possibilidades de desenvolvimentos cognitivos de maneira lúdica, o desenvolvimento do raciocínio, visa a apresentar sentido e significado no que está lendo. A poesia necessita de uma leitura mais profunda, na qual nos possibilita ir além do que os olhos enxergam, chegando mais próximo da essência, através dos cinco sentidos, da sensibilidade e da intuição de leitor (JOSÉ, 2007, p.43). O encantamento proporcionado pelo contato com o jogo lúdico das palavras rimadas e ritmadas das poesias possibilita que o leitor faça uma leitura e releitura do seu mundo de forma poética, a complexidade da vida contradiz a singeleza da poesia.

1.1.3 Histórias vividas no “apertar dos quadrinhos”

A arte rupestre representada nas cavernas, nos leitos dos rios, nos painéis de pedra, eram formas de registro de acontecimentos sócio-histórico-cultural de uma determinada época. De acordo com Barbosa (2006) o homem primitivo fazia de suas cavernas um grande mural, em que registrava diversos elementos de comunicação para seus contemporâneos, a caça, a existência de animais selvagens, a indicação de seu paradeiro, entre outros. Na medida em que as sociedades foram evoluindo e a necessidade de fixar-se em um lugar foi enfatizada, a escrita grafada começou a se formular, dessa forma, as imagens perderam a sua importância como elemento de comunicação.

As histórias em quadrinhos tiveram sua origem nos meios de comunicação com o desenvolvimento do conhecimento humano, o surgimento da imprensa e as cadeiras jornalísticas fundamentadas pela tradição iconográfica. Conforme Vergueiro (2005), “pode-se dizer que os quadrinhos existem há mais de um século, florescendo vertiginosamente na imprensa sensacionalista norte-americana”. A primeira história em quadrinho produzida por um brasileiro foi *As cobranças*, de

Ângelo Agostinin em 1867, mas foi Maurício de Sousa, com *A turma da Mônica*, que fez com que as HQs entrassem no mercado infantil, como nos afirma Natal (2005) “(...) a linha Turma da Mônica dominou o mercado de HQ infantis no país e ainda hoje é publicado no exterior e m várias línguas”.

As histórias em quadrinhos são possibilidades de contato com o mundo das fantasias e imaginações, a percepção das imagens contidas em cada quadrinho convida o leitor a ter um olhar aguçado, a fim de perceber nas imagens as falas dos personagens, suas expressões, movimentos e sons.

O Parâmetro Curricular Brasileiro (BRASIL, 1997) dedicado ao ensino de Língua Portuguesa recomenda a utilização das histórias em quadrinhos nas escolas, pois nos gibis as crianças conseguem deduzir o significado da história, que não são capazes ainda de ler diretamente, observando a imagem.

Para crianças que nunca tiveram contato com a leitura, o professor deve, antes de tudo, ensiná-las como se lê o gibi da esquerda para a direita e de cima para baixo, pois elas possuem mecanismos próprios de representação da oralidade. As falas dos personagens são representadas através dos balões, estes por sua vez são diferentes quanto à entonação da voz ou pensamento. O formato da letra também passa informação; o negrito, por exemplo, indica ênfase ou tom de voz alto, já as onomatopeias indicam os sons não falados pelos personagens. Assim, podemos perceber a importância de um olhar amplo acerca dos quadrinhos.

Uma leitura das histórias em quadrinhos possibilita o florescer do imaginário, a percepção espacial, construção de identidade e autonomia, facilita a oralidade, leitura e escrita, tudo isso de forma divertida, lúdica, num jogo dinâmico das palavras, onde os personagens falam, cantam, dançam, correm, gritam e demonstram todos seus sentimentos no “apertar dos quadrinhos”.

1.1.4 E a moral da história? Os Mitos e as lendas

De acordo com Khéde, “os mitos e as lendas são narrativas de conteúdos misteriosos e de aspectos antropológicos-cultural (1990, p. 33). Na Literatura Infantil, o mito busca responder às questões sobre a origem do mundo, dos elementos, dos fenômenos e outros. Desde o início dos tempos teve essa função: expressar a

indagação do ser humano sobre o universo e sobre o próprio ser, está diretamente relacionado com características de uma narrativa atemporal, buscando explicar a origem dos seres e coisas de maneira irracional, lógica e histórica. São narrativas que explicam o surgimento de algumas tribos, origem das estrelas, surgimento das plantas, acidentes geográficos e alimentos (COSTA, 2007, p.73).

O processo de contar, ler e ouvir tais narrativas possibilita viver, na imaginação, os acontecimentos que lhe foram narrados, isso contribui para a formação da identidade do homem como e onde ele vive, uma vez que a identidade cultural estaria constituída por aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nossa pertença, as culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosa, e, acima de tudo, nacional (HALL, 1977, p. 8).

Sendo assim, o mito, além de ser a expressiva representação do imaginário, traz sempre uma mensagem que “orienta, educa, disciplina, persuade, nomeia, explica, desvia, cria realidades inexauríveis, transmitindo verdades universais que conservam, de cultura para cultura, um modo similar de imaginar o mundo e os homens” (RIBEIRO, 2004, p. 11).

A lenda é caracterizada por tempos históricos determinados, acontecimentos e pessoas que aparecem transformadas, idealizadas e exageradas, muitas vezes uma narrativa de criação coletiva (COSTA, 2007, p. 73). Tais narrativas pertencem ao nosso tempo, ao nosso mundo, a nossa história e nossa cultura. Joel Rufino dos Santos (2005) em sua obra *Gosto de África: histórias de lá e daqui* representa brilhantemente as histórias da África e do Brasil através de mitos e lendas sob uma ótica crítica e afetiva, temporal, social, histórico e principalmente cultural, exímio exemplo de uma obra literária recheada de ludicidade capaz de desenvolver a cognição e acima de tudo a consciência do multiculturalismo brasileiro.

Daniel Munduruku (2004) em seu livro *Sabedoria das águas* nos conta uma lenda, na qual o índio Koru “escutou” o chamado da natureza e descobriu os diversos mistérios guardados em seu coração. Através desta obra, podemos compreender a lógica das lendas, ou seja, são histórias com origens em milagres ou crimes ocorridos em torno de heróis. Assim, mitos e lendas se diferenciam porque o primeiro está ligado a uma razão, a uma lógica, e a uma lei universal, já a lenda vive da possibilidade de que as coisas sejam diferentes.

Contos de fadas, poesias, histórias em quadrinhos, lendas e mitos são alguns dos gêneros literários que envolvem o leitor no fantástico mundo da fantasia. Assim,

a escola como um ambiente formador de identidades deve proporcionar ao aluno um leque de possibilidades literárias a serem vistas, lidas, ouvidas quantas vezes lhes interessarem. É a partir de uma leitura lúdica que o leitor vivencia todas as sensações presentes nas histórias, desenvolve sua criticidade, imaginação, cognição, autonomia, escrita e leitura.

Nessa perspectiva, o “Kit Contagiar” busca aproximar e contagiar os leitores, envolvê-los, trazê-los ao mundo da literatura, propiciar-lhes a oportunidade de fazer uso dos livros de maneira prazerosa, seja qual for o gênero.

Para além da função moralizante e pedagógica, a literatura infantil deve também se configurar como uma brincadeira entre o autor-personagem-leitor-ouvinte. O projeto de leitura que iremos apresentar-lhes a seguir objetiva despertar o gosto pela leitura e a promoção da aprendizagem não direcionada – uma proposta de aprender ancorada no jogo simbólico das letras, as quais são capazes de transpor o real aludido nas palavras. Assim, a ludicidade presente na leitura pode ser configurada como instrumento de aprendizagem, apreensão do mundo real mediada pela apreensão do mundo imagético.

Era uma vez

um menino chamado João e sua irmã Maria, que moravam em uma casa perto da floresta.

Um dia, sua mãe pediu que fossem buscar galhos secos para acender o fogo. Não precisavam trazer muitos, apenas o bastante para acender a lareira.

- Não vão muito longe. Os galhos que temos aqui perto já servem, não vão se perder por aí...

- Pode deixar, mamãe, vamos voltar logo!

E lá se foram os dois procurar gravetos secos por ali, entre várias brincadeiras. Não queriam ir longe, mas estavam tão curiosos com a floresta que resolveram arriscar só um pouquinho.

Maria teve uma idéia genial: foi marcando todo o caminho, para saber por onde voltar: assim não iriam se perder. E brincaram à vontade.

Já estava querendo escurecer quando resolveram voltar. Maria foi logo procurando os pedacinhos de pão que deviam estar marcando o caminho, mas...

Os passarinhos que moravam ali estavam achando ótimo aquele lanchinho, e não deixaram nem um miolinho de pão sobrar. Não havia como achar o caminho de volta para casa. A idéia de marcar o caminho tinha sido ótima, mas não com pedacinhos de pão.

- Agora estamos os dois com fome e perdidos!

Andaram de um lado para outro, mas nada de encontrar o caminho de casa, cada vez mais escuro.

(...)

Na luz do dia, conseguiram achar o caminho de casa, e nunca mais voltaram naquele lado da floresta.

Essa história ouvi de meu avô João, nas férias. Será que ele viveu todas essas aventuras quando era criança?

Fragmento do conto: "João e Maria"

Irmãos Grimm (1ª edição: 1812)

CAPÍTULO II

2.1 OS CAMINHOS TRILHADOS NA PESQUISA DE CAMPO

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada um tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta
Pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

Drummond

Afirma Meksenas (2002) que “a pedagogia é uma ciência”. Neste sentido, é certo também afirmar que, sendo ciência, os vínculos entre o “fazer ciência” e o “fazer pedagógico” devem ser indissociáveis. Continua a nos dizer Meksenas que a pesquisa na área educacional

Diz respeito à capacidade de produzir um conhecimento adequado à compreensão de determinada realidade, fato, fenômeno ou relação social. (...) A pesquisa também assume a capacidade de criar meios necessários ao estabelecimento de novas interações, mediações e modificações de contextos que envolvem os sujeitos da aprendizagem (MEKSENAS, 2002, p. 49).

Tomando de empréstimo a visão de Demo (2011), “pesquisa é princípio educativo”, pesquisar, assim como educar, deve nortear-se pela capacidade de olhar o mundo e lê-lo, interpretá-lo e superá-lo, razão pela qual a pesquisa deve ser apreendida como “diálogo inteligente com a realidade” (DEMO, 2011, p. 37). Assim,

A pesquisa participante é talvez a proposta mais ostensiva de valorização da prática como fonte de conhecimento, apesar de suas banalizações típicas. (...) Todo conhecimento advindo da prática necessita de elaboração teórica, mas não é menos verdadeira a postura contrária. (...) pesquisa prática quer dizer ‘olhos abertos’ para a realidade, tomando-a como mestra de nossas concepções (DEMO, 2011, p. 28-29).

Esse preâmbulo sobre a importância da pesquisa para a nossa formação se fez necessário para justificar o porquê do tipo de pesquisa pelo qual optamos: a Pesquisa Ação; seria esta modalidade de pesquisa aquela que realiza intervenção no universo pesquisado. De acordo com os estudiosos, este tipo de pesquisa deve contribuir não apenas para a prática, mas também para a teoria. É um tipo de pesquisa que surge a partir da necessidade de mudança e melhoria na prática

pedagógica à medida que faça necessário transformar idéia em ação. Na Pesquisa Ação, o foco “(...) a ênfase não é na obtenção do conhecimento generalizável, mas na obtenção de um conhecimento preciso para um propósito e situação particulares” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p.91).

age como incentivo para a ação; envolve pessoas e relações, está preocupada com a eficiência das pessoas no trabalho, as motivações, as relações e o bem-estar; está preocupada com a mudança organizacional e melhoria de resultados; está preocupada com o planejamento e estabelecimento de políticas; está preocupada com inovações e mudanças e maneiras pelas quais essas mudanças podem ser implantadas nos sistemas; concentra-se na solução de problemas; que proporciona a oportunidade de desenvolver conhecimento teórico” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p.91-92)

E esta era a nossa pretensão: melhorar a prática. Ainda de acordo com Moreira e Caleffe, a Pesquisa Ação na escola e na sala de aula é uma forma de

(...) sanar os problemas diagnosticados em situações específicas, ou melhorar de alguma maneira um conjunto de circunstâncias; de treinamento em serviço, portanto, proporcionando ao professor novas habilidades, métodos para aprimorar sua capacidade analítica e o fortalecimento da autoconsciência; de introduzir abordagens adicionais e inovadoras no processo ensino-aprendizagem e aprender continuamente em um sistema que normalmente inibe a mudança e a inovação; de melhorar a comunicação entre professor praticante e o pesquisador acadêmico na tentativa de remediar a deficiência da pesquisa tradicional de dar prescrições claras; de proporcionar uma alternativa à solução de problemas na sala de aula.”(2008, p.92)

Esta pesquisa, quanto aos objetivos, pode ser definida como de caráter exploratório e descritivo, pois, respectivamente, permitem maior aproximação do pesquisador do tema com o objeto estudado, deste modo proporciona uma visão geral contribuindo para aprofundar os conceitos preliminares e identificar um novo aspecto sobre o tema a ser pesquisado. Os resultados obtidos serão descritos de forma minuciosa.

A pesquisa tinha como objetivo observar se a leitura “por prazer” pode proporcionar o desenvolvimento de habilidades, ou seja, se a leitura não direcionada pode ensinar, educar, aguçar o imaginário, contribuir para a criticidade, a autonomia e construção da identidade; em suma, proporcionar uma visão acerca das práticas lúdicas dos diversos gêneros literários em sala de aula. O estudo se deu a partir de

uma intervenção pedagógica realizada na Escola Municipal Presidente Kennedy, o projeto de leitura “Kit Contagiar”. Este projeto de leitura nos permitiu observar se ler por ler, ou ler por prazer é importante para o desenvolvimento da criança.

Para fundamentar e orientar a observação, buscamos apoio em vários teóricos. A princípio as contribuições teóricas de diversos autores nos deram respaldo para uma observação e análise efetiva do objeto de estudo, mas não nos impossibilitou de fazer uso da teoria em concomitância com a vivência da prática. A busca foi por uma bibliografia que nos permitisse conhecer mais, aprofundar conceitos e concepções relacionados ao objeto em estudo. A pesquisa bibliográfica baseou-se em livros, monografias, jornais, sites da internet, revistas especializadas, relatórios, artigos, pesquisas anteriores e documentos que abordem a questão tema deste estudo.

Para realização da parte empírica, a pesquisa utilizou-se de uma abordagem qualitativa, de modo que os procedimentos metodológicos utilizados para a obtenção dos dados foram basicamente a observação da intervenção pedagógica, além de conversas informais com a professora da turma observada. Para tanto, necessário se fez elaborar de um plano de abordagem sistemática, o qual nos conduziu para uma organização e compreensão acerca do objeto estudado. A escolha da escola municipal Presidente Kennedy ocorreu em função do fato de estarmos familiarizadas com tal instituição devido a estágios supervisionados proporcionados pela Universidade Estadual da Paraíba.

A observação se deu entre os meses de setembro a novembro do ano de 2011, na Escola Municipal Presidente Kennedy, com alunos do segundo ciclo inicial de faixa etária diversificada, de 8 a 14 anos. A pretensão era observar o uso da literatura infantil na sala de aula como objeto de prazer e não com fins moralizantes e didáticos.

Queremos com essa pesquisa mostrar como a literatura infantil é um excelente meio pelo qual podemos contribuir para uma aprendizagem efetiva dos educandos, fazendo com que o leitor/ouvinte possa construir sua autonomia e identidade, desenvolver a oralidade, o senso crítico e expressões corporais, aguçar o imaginário e a memória, facilitar a leitura e a escrita, porém todas estas contribuições não devem estar imbuídas de fins pedagógicos, mas fazer uso dessa leitura apenas pelo desejo de ler. Para tanto, tomamos como objeto de estudo um

projeto de leitura, denominado: “Kit Contagiar”, sobre o qual falaremos no item a seguir.

2.2 O PROJETO DE LEITURA: “KIT CONTAGIAR”

É preciso ler para aprender, para dar certo nos estudos, para nos informarmos, para sabermos de onde vemos, para sabermos quem somos, para conhecer melhor os outros, para saber para onde vamos, para conservar a memória do passado, para esclarecer nosso presente, para aproveitar as experiências anteriores, para ganhar tempo, para nos evadirmos,...

Daniel Pennac (1993)

O projeto “Kit Contagiar” foi criado pela pedagoga Vera Lúcia Dias de Oliveira, docente na Unidade de Educação Infantil da Universidade Federal de Campina Grande-PB. A referida pedagoga, com este projeto, objetiva aproximar as crianças dos livros e, a partir deste contato, envolver os leitores no universo da literatura, dando-lhes a oportunidade de fazer uso dos livros literários de maneira prazerosa.

O projeto em discussão foi um dos selecionados no “I Concurso Pontos de Leitura” – Edição Machado de Assis, realizado pelo Ministério da Cultura no ano de 2008; como prêmio foi contemplado com o seguinte material: algo em torno de “(...) 500 (quinhentos) títulos, distribuídos em: 50% de obras de ficção, 25% de não-ficção e 25% de referência; um (01) computador PC, compreendendo: uma (01) unidade de CPU, um (01) monitor SW 17”, um (01) teclado, um (01) mouse, uma (01) impressora, um (01) No Break APC/BE 600; (...)” (cf. no Ofício do MEC, ver Anexo I). Também recebeu um mobiliário básico, do qual faziam parte tapete, almofadas, pufes, além de outros móveis.

Ao ficar entre os projetos selecionados no concurso acima mencionado, o projeto “Kit Contagiar” passou a fazer parte da “Rede Biblioteca Viva”, uma “plataforma virtual de acompanhamento, interlocução e interação das ações de um livro e leitura” que faz parte do “Programa Mais Cultura” do Governo Federal (<http://blogs.cultura.gov.br/bibliotecaviva/rede-biblioteca-viva/>). Em contrapartida, a

Profa. Vera Lúcia deveria disseminar o projeto nos diversos bairros da cidade, de preferência, nos bairros socialmente mais carentes.

Após a divulgação da premiação, a referida professora passou a contar com a colaboração de diversas pessoas, a maioria do seu círculo de amizade, que integraram-se ao projeto voluntariamente, assumindo a função de monitoras. Estas, por sua vez, ajudariam a levar o projeto de leitura a todos os “cantos” da cidade.

Por saber do meu interesse pela literatura infantil, fui convidada por uma colega do curso de Pedagogia, Gabrielle Lima de Sousa, que já estava fazendo parte do projeto “Kit Contagiar” como monitora, colocando-o em prática na rua em que morava no bairro das Malvinas.

A idealizadora, Profa. Vera Lúcia, apresentou-me o projeto e a caixa decorada com os livros, gibis, DVDs, CDs e fantoches, os objetivos e metodologia foram expostos e o encanto pelo qual ela se referia ao “Kit” transpassou as palavras e me “contagiou”.

O material que me foi entregue consistia em um “kit” composto da seguinte forma: uma caixa decorada contendo diversos livros, gibis, cordéis, fantoches, CDs e DVDs (ver Apêndice 1) escolhidos aleatoriamente, material que, a partir daquele momento, ficaria sobre a minha inteira responsabilidade. Aceitei o convite e a partir deste dia comecei a fazer parte da equipe de monitores, com a responsabilidade de procurar crianças para colocá-las em contato com o mundo fantástico da literatura infantil. Assim, optei em aplicar o projeto em uma sala de aula de uma escola municipal de Campina Grande-PB, no caso, a Escola Municipal Presidente Kennedy.

A opção por aplicar o projeto em uma escola se deu, tanto em decorrência da formação em curso, associada a experiência de 12 anos em sala de aula trabalhando com turmas do Ensino Fundamental I. Essa vivência me fez perceber como o ato de ler é uma atividade complexa, assim, o processo de aprendizagem da leitura pode ser melhor mediado a partir da inserção de múltiplos gêneros textuais, inclusive aqueles que hoje mais circulam em suas vidas, a exemplo dos gibis, DVDs e CDs.

Com base neste argumento podemos perceber a importância de introduzir a diversidade de textos nas práticas de leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, reside no fato de desenvolver nos alunos oportunidades para estes aprenderem a observar, perceber, comparar, relacionar, construir generalizações e abstrair significados, ou seja, interagirem de forma competente com os textos que

circulam socialmente. Por exemplo: a reportagem de revistas de informações possibilita o debate sobre uma infinidade de situações e práticas sociais.

Além de ler para estudar, adquirir conhecimento, a leitura pode ser feita por prazer, para se divertir, espairecer e fazer amigos. É sobre esta experiência pedagógica que objetiva tornar a leitura um ato de prazer que passarei a relatar a seguir.

Como nos diz Ratier (2009), cada texto tem uma forma específica de dizer determinadas coisas. A leitura de contos clássicos pode fornecer alternativas para fugir do lugar comum. É necessário trazer para o aluno a importância da compreensão da trama, a explicação de intenções e estados mentais ajuda a construir as imagens de cada um dos personagens, aproximando-os ou afastando-os do leitor. O detalhe do ambiente em que passa a ação é importante não apenas para trazer o leitor “para dentro” do texto, mas também para, dependendo da intenção do autor, transmitir uma atmosfera de mistério, medo, alegria, encantamento etc. Nesse entusiasmo de leitura é possível controlar a velocidade da história usando expressões que indiquem a intensidade da passagem do tempo seja vagarosa após longa espera e de repente.

Para que os professores possam desempenhar essa função, as escolas devem oferecer as condições para eles agirem de maneira a suprir essa falta, o que significa oferecer meios para uma formação continuada, ter bibliotecas com livros novos e variados e um projeto pedagógico em que o convívio com os livros e a leitura esteja no centro dos trabalhos e dos interesses de todos.

**Era uma vez um rei que, pasmem... comia histórias!!!
Gente que come ouro, criancinhas, camarão, torta de maçã, caviar ou filé-mignon se pode encontrar. Mas... Histórias???**

Para ser mais exata: este Rei comia toda e qualquer espécie de livro que à sua frente, do lado ou atrás aparecesse. Ordenava a seu criado fiel que untasse as páginas. De manteiga, mas só do lado de dentro. Nas bordas, capa e contracapa nunca. Todo este cuidado para que ele, o Rei, não lambuzasse as pontas dos dedos... Dependendo do tema, fiel, seu criado trazia-lhe prontamente sal, orégano, açafrão, urucum, coentro e manjerição. (...)

As viagens de Gulliver, lembro bem, foram comidas num período de 4 horas e 45 minutos. Demorou tanto assim pois era justamente um exemplar grosso de capa dura de uma edição muito antiga. Robinson Crusoe e A volta ao mundo em 180 dias foram consumidos em 2 horas, 14 minutos e 59 segundos. Já Alice no país das maravilhas Rapunzel, Alibabá e os 40 ladrões, O gato de botas e Peter Pan eram sobremesas para ele. Em poucos minutos saboreava todos. O pior é que, na refeição seguinte, ávido, exigia novos livros à mesa. (...)

Acontece que naqueles dias o Rei passara dos limites: comera, sem pestanejar, toda a mitologia grega!!! Hércules, Zeus, Afrodite, Erus, Atena, imaginem!!! Por Zeus! Deuses e mortais foram para de uma vez por todas na barriga de um Rei.

Vocabulário estava inconsolável. Para ele era o fim. E se não era estava perto, pois na despensa da cozinha não havia para o dia seguinte nem um livro sequer do último estoque. (...) O Rei, quando soube ficou desesperado.

- Quem conseguirá mais livros para o meu almoço e jantar? - esbravejava, sacudindo os braços pelos corredores do palácio. (...)

- Majestade, aqui está sua requisição. Só falta o senhor assinar. Qual não foi a surpresa de todos quando olham para o Rei e o vêem encolhidinho, olhando assustado para o Vocabulário com uma caneta pequenina tremendo feito gelatina.

(...) Era a descoberta do dia! O Rei não escrevia, muito menos lia. Se alguém tivesse me contado, eu não teria acreditado. A verdade é a seguinte: o Rei, não sabendo o que fazer com tantos livros, resolveu comê-los. E durante todos aqueles anos Fiel é quem assinava as requisições por ele, guardando o grande segredo do Reino a sete chaves, pois, como era fiel e temia a fúria do Rei, o pobre não contava nem pra sua sombra.

Desmascarado, o Rei não teve saída, ou melhor, naquele mesmo dia teve entrada na escola do Reino, com direito a matrícula, caderno, lápis e dever de casa. Quanto a Fiel, quando soube da boa-nova, sarou rapidinho, pois estava doente era de tanto ver tanto estrago. E Vocabulário? Está rindo à toa, feliz da vida. E agora, segure o queixo que eu já te conto o desfecho: vi o Rei, ainda hoje, lá, no meio do beabá.

Ele, que até ontem só sabia os livros comer, hoje já está aprendendo a ler. E Fiel continua a fazer requisições. Mas não assuste, os livros daqui em diante não serão mais triturados, e sim devorados, só pelos olhos do Rei.

E tudo foi resolvido. O Rei não foi esquecido, pois hoje está muito mudado: Não gosta nem de livro arranhado.

**Fragmento do livro: "O Rei da Fome"
Marilda Castanho (1995)**

CAPÍTULO III

3. ERA UMA VEZ... A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA: O PROJETO “KIT CONTAGIAR”

A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala.

Paulo Freire

O Projeto de Leitura “Kit Contagiar” foi iniciado na Escola Municipal Presidente Kennedy no dia 06 de setembro de 2011. A princípio fui apresentada a direção da escola, a professora regente e aos alunos da turma as características, objetivos e metodologia do Projeto. Ficou acertado que os encontros aconteceriam todas as terças e quintas feiras, no turno da manhã das 7:30 as 8:30. Optamos por este horário devido a facilidade de concentração das crianças, já que após o intervalo o cansaço e/ou a fome atrapalhariam a concentração na hora da leitura.

Em um segundo momento foi entregue a cada aluno uma carta explicativa e um termo de aceitação que deveria ser entregue aos pais ou responsáveis, e para aqueles que concordassem com o envolvimento da criança no projeto, deveriam devolver a carta assinada.

3.1 O contexto da observação

A Escola Municipal Presidente Kennedy está localizada na Rua Florípedes Coutinho, no Bairro de Bodocongó, na cidade de Campina Grande-PB. A mesma se encontra sobre a competência e responsabilidade da Prefeitura Municipal de Campina Grande, especificadamente, a Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Cultura. A instituição oferece como Modalidade de Ensino da Educação Infantil ao

nível Fundamental I, no período diurno. No turno da noite, funciona a Educação de Jovens e Adultos (EJA) correspondendo ao 1º ciclo inicial e o 2º ciclo final.

A estrutura física da escola apresenta boas condições. No início do ano de 2011 passou por algumas reformas com relação ao piso, a ampliação do pátio e das salas de aula, além da troca do telhado, porém, com as chuvas ocorridas no mês de junho o teto da sala de informática, que servia também como sala de leitura sofreu infiltrações, queimando alguns computadores e fazendo com que os livros ali existentes passassem a ser deixados em caixas e outros na sala apertada do almoxarifado, na qual não há espaço para a leitura (ver Apêndice 2).

A escola atende aos estudantes do bairro de Bodocongó, devido à proximidade também atende a estudantes oriundos dos bairros da Ramadinha e Pedregal. Como são bairros periféricos, as crianças fazem parte de cujas situação socioeconômica não é tão favorecida. É perceptível a carência de recursos básicos de higiene, alimentação e, inclusive afeto familiar por parte das crianças da escola em questão. De acordo com a professora regente da sala, os alunos em sua maioria são assíduos, uma questão de compromisso com o programa Bolsa Família, no qual corta-se o recebimento da ajuda escolar se o aluno não estiver frequentando as aulas.

Para a prática educativa das 16 professoras regentes, a referida escola é abastecida de diversos recursos técnicos e pedagógicos, desde simples jogos educativos à recursos audio-visuais. A maioria das docentes possuem formação em nível superior em Pedagogia, inclusive a professora do segundo ciclo inicial, sala que aplicamos o projeto.

Na estrutura curricular do nosso curso consta uma série de estágios, especificamente 04 no total. No meu caso, o estágio de Ensino Fundamental foi realizado na Escola Municipal Presidente Kennedy e no período que lá estive em observação percebi a ausência do uso da literatura infantil na escola, ou, dizendo melhor, dentro da proposta que defendemos: o uso do texto literário infantil para além do uso “instrumental”, em outras palavras, informar, ensinar a memorizar regras gramaticais ou assimilar conteúdos obrigatórios. A literatura infantil deve ser fator promotor de encanto, mesmo que a leitura esteja inserida no contexto educacional os momentos de fantasia não podem faltar nos textos lidos. Neste sentido, quando comecei a fazer parte da equipe do projeto de leitura “Kit Contagiar” aplicá-lo em uma escola pareceu-me ser a melhor opção, e sabendo que existia uma escola onde

a prática da leitura era incipiente, optei pela mesma, no caso a Escola Presidente Kennedy.

3.1.1 A turma

A turma escolhida para colocar em prática o projeto de leitura “Kit Contagiar” foi uma do segundo ciclo inicial da Escola Municipal Presidente Kennedy. No total contava com 20 crianças, sendo 15 meninos e 10 meninas, com idades variando entre 08 e 14 anos. Todavia, nem todas participaram diretamente do projeto, apenas dezesseis crianças apresentaram a autorização dos pais para fazerem parte do projeto.

As crianças em sua maioria são filhos de famílias de baixa renda. Os seus pais têm um nível escolar diversificado, muitos deles são semi-analfabetos, e poucos possuem o fundamental completo – possivelmente um dos fatores que inviabilizou a autorização da participação das crianças na realização do projeto. Outro fator que deve ter contribuído foi o fato de que as crianças teriam que levar os livros para casa, lê-los, relê-los e contar as histórias na sala de aula. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, consta que:

[...] a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leituras eficazes. Essa pode ser a única oportunidade dos alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. (BRASIL, 1997, p. 55).

Nesse caso, sendo estas crianças oriundas de ambientes familiares não letrados e sem nenhum estímulo para a leitura, a escola torna-se a principal e única possibilidade da criança entrar em contato com a literatura infantil. Esta por sua vez, tem o dever de propiciar momentos de leitura paralelos aos conteúdos trabalhados. Utilizar o livro didático e paradidático para imbuir o gosto pela leitura não se configura como uma essência lúdica, uma aversão às histórias pode estar se

configurando a partir dessa prática. E estas atividades devem se dá em um ambiente agradável. As salas de aula devem ser ambientes aconchegantes, desmistificando a ideia de que é o lugar chato, cheio de regras e atividades para cumprir. Um espaço de aprendizagem amplo, arejado, claro, limpo permite a realização de qualquer atividade, principalmente a de leitura.

A sala de aula da turma objeto da observação é ampla, arejada e clara, mas como algumas janelas estão com alguns vidros quebrados, isto faz com a sala muitas vezes fique empoeirada. No local tem muitas carteiras sem utilização, fazendo com que o espaço amplo se torne limitado. As paredes da sala de aula são utilizadas para expor as atividades realizadas, algumas a muito tempo atrás; também estão colados cartazes com regras e um calendário – esta é a decoração da sala de aula observada (Ver Apêndice I).

O espaço em si não oferece estímulo ao desenvolvimento cognitivo, imagine então ao lúdico (imaginário, fantasia, o sonho). Aí entra em cena o professor. Todas as atividades desenvolvidas na escola precisam de mediador, inclusive para as práticas literárias, uma vez que o professor pode se coloca como um mediador/leitor/ouvinte das histórias. Para uma leitura lúdica um ambiente favorável ajuda muito ao leitor, ambos devem estar em sintonia. Por isso, faz parte do “Kit Contagiar”, além do material literário, estão os fantoches, puffes, almofadas e tapetes.

Durante a pesquisa, observamos que as práticas de leitura eram realizadas exclusivamente na sala de aula, com as carteiras enfileiradas, motivo de espanto quando convidamos os alunos para sentar-se ao chão na hora da leitura, pois se configurava como uma prática inexistente. Para cada tipo de texto, deve existir uma forma específica de trabalhá-lo. É necessário trazer para o aluno para dentro da “trama”, aproximá-los dos personagens, fazê-los sentirem-se nas situações narradas. Nos anos iniciais na escola, quem ajuda os alunos a irem para “dentro do texto” é o professor, é ele quem vai transmitir a atmosfera de mistério, medo, suspense, alegria, tristeza, frio, encantamento, ...

Todavia, para que os professores possam desempenhar essa função, as escolas devem oferecer as condições para eles agirem de maneira, suprir as lacunas, o que significa oferecer desde a formação continuada aos meios práticos: bibliotecas com livros novos e variados e projetos de incentivo a leitura que estejam no centro das atenções e do interesse de todos.

3.1.2 A professora

Quando se pensa em histórias infantis na escola, além de pensarmos nas crianças, nos projetos, nos recursos disponíveis, no ambiente, também pensamos no professor. Refletimos sobre como ele faz para contar, ler e interpretar as histórias e quais suas intenções ao fazer uso da literatura. As teorias educacionais referentes as práticas docentes nem sempre tiveram uma boa receptividade. Com o objetivo de apresentar a impossibilidade de recepção destas teorias, no início da década de 90 do século XX foram publicados dois livros, da autoria de professores da rede privada de ensino, nos quais estavam expostos os relatos dos sucessos ou das dificuldades nem sempre superadas no contexto da prática docente.

Hoje, depois de duas décadas de diálogo, as idéias sobre a formação de professores já são questionadas e já é possível encontrar mudança de posicionamento diante da inicial constatação de impossibilidade da recepção das teorias educacionais, “os pesquisadores parecem ter maior consciência das necessidades pedagógicas de seu interlocutor” (ANDRADE, 2004. p. 77).

Anne Marie Chartier (apud ANDRADE, 2004. p. 82) afirma que os modelos de formação de professores seguem duas tendências que refletem a forma de absorção destas teorias, são elas: as teorias que devem servir diretamente ao professor e as teorias que ambicionam dar conta dos saberes da ação dos professores.

A primeira tendência expressa pelo autor é a menos utilizada porque assume apenas uma postura de verificação da prática docente, enquanto que a segunda é a mais utilizada, tendo em vista que almeja um professor-pesquisador;

Neste caso, deixa-se a crítica de lado e as aprendizagens que se dão na prática docente são consideradas como um saber legítimo. O docente é estimulado a produzir discursos sobre essa prática, de modo que ‘sua voz’ passe a ter alguma escuta, em algum espaço de interlocução. (ANDRADE, 2004. p. 83)

Ampliando a concepção de Anne Marie Chartier, M. Tardif (apud ANDRADE, 2004. p. 83) discriminou quatro tipos de saberes docentes: saberes da formação, saberes das disciplinas, saberes dos currículos e, por fim, saberes da experiência. Para ele, os três primeiros saberes são regulados por funcionamentos institucionais, portanto, produzidos fora do contexto escolar. Em contrapartida, o quarto saber

evidencia a valorização da experiência e a pluralização dos saberes da ação docente.

No entanto, é preciso cautela diante da valorização da experiência para que não a tenhamos como a única fonte de saberes, uma vez que, na prática docente, há uma interlocução entre sujeitos que permite a troca e o aprimoramento de saberes.

A partir da relação específica que os sujeitos têm com essas instâncias (escolar e social), neste processo de socialização do sujeito professor, a identidade profissional docente se constrói. Os múltiplos discursos enunciados nas instituições são, dessa forma, reorganizados e ressituidos pelo professor, uns em relação aos outros, permitindo-lhe refletir sobre sua prática e enunciar um discurso sobre ela. (ANDRADE, 2004. p. 86)

Estudos recentes mostram que, na atualidade, há uma boa receptividade, por parte dos professores, das teorias e práticas de formação⁴. Entretanto, é fato que alguns professores não têm acesso a uma boa formação até mesmo nos cursos de graduação. Como nos diz Ana Maria Machado (snt), falando sobre a falta de entusiasmo dos professores de hoje trabalharem com literatura na sala de aula:

Não sei o que está havendo com a formação dos professores hoje, mas com toda certeza [...] eles não tiveram seu entusiasmo pela literatura despertado e, sem isso, não estão preparados para transmitir aos jovens o que eles mesmos não têm. Não acredito que ninguém ensine outra pessoa a ler literatura. Pelo contrário, estou convencida, isso sim, de que o que uma pessoa passa para outra é a revelação de um segredo – amor pela literatura. Mas uma condição do que um ensino.

É pedido que os professores trabalhem, na perspectiva da interpretação, a leitura em sala de aula, no entanto, alguns futuros professores não têm acesso à literatura nos cursos de formação, por isso a impossibilidade de incentivar a leitura.

A implementação dos currículos organizados para os cursos de formação não podem prescindir do planejamento de situações que favoreçam a formação de professores leitores e não de simples reprodutores/as de idéias e conteúdos, que, ao invés de aproximar os indivíduos da leitura, dela os distanciam, interditando a possibilidade de acesso a diferentes e novos caminhos. (SOUSA e SILVA, *apud* SANTOS, 2004. p. 168)

⁴ A esse respeito, é interessante a leitura, na íntegra de ANDRADE, Ludmila Thomé de. Professores-leitores e sua formação. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

Dessa forma, têm-se a escolarização da leitura, ou seja, os textos literários são tidos apenas como um pretexto para o ensino de gramática, roubando assim a beleza e o encantamento textual, afastando os alunos do prazeroso ato de ler⁵.

É importante ressaltar que a escolarização da leitura é inevitável, posto que a escola é um espaço de socialização do saber, no entanto, da forma que é posta em prática em sala de aula (utilizando o texto como pretexto para o ensino de gramática), a escolarização da leitura recebe uma conotação negativa.

Durante os meses de observação dialogamos bastante com a professora regente da sala do segundo ciclo inicial. Com relação a sua prática que envolve a literatura infantil ela nos relatou que proporciona momentos de contação de história uma vez por semana na sala de aula. Como não existe biblioteca, nem sala de leitura, por conseguinte os livros de literatura existentes na escola são levados para sala de aula. Assim, a professora apenas distribui os livros entre eles, sem nenhum tipo de orientação ou mediação na leitura, diria que apenas para passar o tempo. Está posto no PCN de Língua Portuguesa:

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas (BRASIL, 1997, p.49) - (Grifo nosso).

Como esperar que alunos carentes, filhos de pais semi-analfabetos (em sua maioria) despertem interesse e gosto pela leitura? Repetindo mais uma vez Daniel Pennac (1993): é preciso ler pra certo nos estudos, da certo na vida, saber quem somos, para esclarecer o presente e pensar o futuro.

A literatura infantil precisa está presente na sala de aula, pois como nos disse a professora da turma observada: “(...) os alunos se interessam mais e participam mais.”

⁵ Sobre a importância de uma adequada abordagem do texto literário, recomenda-se a leitura de ALVES, José Hélder Pinheiro. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiladora (orgs.). O livro didático do português: múltiplos olhares. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 62-74.

3.2 A intervenção

A proposta do Projeto “Kit Contagiar” é promover a disseminação da leitura através dos livros contidos na caixa decorativa na referida sala de aula. A partir da aplicação dessa atividade pedagógica – que denominamos intervenção –, pretendíamos reunir um determinado grupo de leitores para disseminar a leitura por prazer. Os leitores escolheriam no acervo (os livros contidos na caixa surpresa) um deles e levariam para casa, podendo trocá-los ao término da leitura. Após quinze dias realizaríamos os encontros: saraus poéticos, rodas de leitura ou narração de histórias, reunindo todos os leitores envolvidos para compartilhar o que foi lido, contagiando os demais leitores para uma possível leitura daquela história narrada.

Cada aluno que trouxe de casa a carta de esclarecimento e autorização assinada pelo responsável tornou-se membro do projeto. Assim, poderia levar para casa um determinado livro, que seria trocado, caso quisesse, na quinta feira seguinte. Os contatos para as trocas dos livros ocorriam durante os dois dias da semana (as terças e quintas-feiras). No entanto as atividades relativas ao “Sarau Poético”, a roda de conversa ou a narração de histórias só foram realizados a cada quinze, já que requeriam maior preparação dos alunos.

Dos vinte alunos matriculados no segundo ciclo inicial, dezesseis deles “embarcaram” em nossa viagem: a leitura lúdica dos textos literários, trocados a cada encontro, depois de terem pousado em casa de cada um deles.

3.2.1 Nossos encontros

No dia 20 de setembro foi realizada a primeira roda de leitura, na qual começamos com a leitura da história “O rato da sacristia”, de Lêdo Ivo (2002), revelando sutilmente as técnicas de contação de história, as quais são fatores primordiais para uma compreensão e envolvimento das histórias narradas a dicção, o volume, a velocidade, a tonicidade e o vocabulário utilizado. Notadamente, muitos alunos se envolveram com a leitura, fazendo indagações e surpreendendo-se a medida da contação. Ao término, algumas crianças sentiram-se à vontade para narrar a história daquele livro levado para casa, mesmo, timidamente, expuseram o que mais lhes chamou atenção.

No dia 04 de outubro foi escolhido para realizarmos uma roda de conversa a respeito das obras literárias optadas pelos alunos. Como 50% das crianças escolheram espontaneamente “Gibis da Turma da Mônica” para ser lido em ambientes extraescolares discutimos a respeito das características inerentes as Histórias em Quadrinhos e o que as motivaram para escolher tal livro. A partir dos gibis da Turma da Mônica buscamos estimular a percepção visual das crianças, uma vez que os balões, as expressões, as onomatopeias e os movimentos presentes nos quadrinhos são fundamentais pra uma compreensão da história lida.

A ludicidade inerente das HQs foi dita como um dos principais motivos aos quais os levaram a se interessar por esse tipo de leitura. Os balões, as onomatopeias, a linguagem e os movimentos observados a cada quadrinho foi visto e discutido com a turma, que demonstrou bastante entusiasmo e interesse em identificar cada tipo de balão e onomatopeia exposta no quadro.

A “Caixa Surpresa”, uma caixa cheia de objetos os quais são retirados ao compasso de uma história começada e continuada a partir das peças expostas. Esta metodologia tem o intuito de romper com a inibição inicial da narração e com a concepção de narração apenas com a utilização de livros. A referida caixa foi usada a primeira vez para iniciarmos as narrações das crianças no dia 18 de outubro. Cada aluno teve a oportunidade de continuar a história de acordo com sua imaginação, o que nos permitiu observar o quão radiantes ficavam quando continuavam a história de sua maneira.

Para o encontro seguinte optamos por uma roda de leitura. Escolhemos três histórias infantis que foram narradas pelos alunos após o termino da história continuada. As obras utilizadas na atividade: “Palavras, muitas palavras ...” de Ruth Rocha (1998); “Bom dia todas as cores” de Ruth Rocha (1995); e “Robin Hood” de Adriana Souza Ramos (2006). Os ouvintes interagiam com os narradores e estes demonstraram êxtase ao contar e mostrar as imagens contidas nos livros.

O último dia de encontro, 03 de novembro, foi marcado pelo “Sarau Poético”. A princípio conversamos bastante sobre os livros lidos pelas crianças, desde os que mais gostaram até aqueles aos quais não se identificaram, depois relembramos as rodas de conversa e as narrativas realizadas. Uma folha em branco foi distribuída para os alunos, a fim de que eles ilustrassem a história que mais se identificaram. Todos demonstraram contentamento ao realizar tal atividade, curiosos ficaram ao

saber qual história o colega estava desenhando. Antes da exposição das obras criadas por eles, algumas narrativas foram realizadas espontaneamente.

Durante os dois meses de contado com a turma, nas terças e quintas feiras, diversos gêneros literários foram escolhidos pelos alunos para ser lido fora da sala de aula, como poemas, histórias em quadrinhos, cordéis, histórias infantis, fábulas e poesias. Inicialmente os alunos ficaram inibidos para narrar às histórias lidas, porém com o decorrer dos encontros as crianças foram se envolvendo e a vergonha foi substituída pelo deleite da leitura e da narração. A criatividade e imaginação foram afloradas à medida que todos se envolviam no universo literário, a leitura por prazer proporcionou o desejo de outras leituras além do livro didático e concomitantemente a escrita foi sendo aperfeiçoada e estimulada a partir das obras literárias apresentadas.

Observamos a importância da leitura prazerosa e sem cobranças pedagógicas para o desenvolvimento da criança. A criatividade, a imaginação, a leitura, a escrita, os desejos, as emoções, os sentimentos de raiva, alegria, tristeza, medo e tantos outros juntamente com o desenvolvimento das expressões corporais foram algumas das contribuições notáveis na aplicação projeto Kit Contagiar na sala do segundo ciclo inicial da Escola Municipal Presidente Keneddy.

Finalizando a parte metodológica do projeto, buscamos captar nas memórias das crianças as histórias ouvidas, contadas e recontadas, para que então escolhessem a que mais se identificou e com o decorrer dos encontros pudessem narrar as histórias escolhidas.

Esta intervenção pedagógica teve bons resultados, visto os objetivos terem sido alcançados, tanto no que se referia a aprendizagem quanto a socialização, sem contar boa repercussão com a turma trabalhada.

Em cada uma das atividades realizadas (contação de história, rodas de leitura e sarau poético) mediados pelo uso dos recursos da “caixa surpresa”. A metodologia utilizada para colocar em prática o projeto, foi totalmente focada no uso da literatura infantil. As narrativas oralizadas, ouvidas ou lidas apresentaram um leque de possibilidades de desenvolvimento e estímulo a oralidade, criatividade, criticidade, imaginação, memória, expressões corporais, valores éticos, autonomia e construção de identidade. Permitiram ampliar o conhecimento de mundo das crianças envolvidas, aflora as sensações, sentimentos e pensamentos por meio de

improvisações, composições e interpretações, desenvolver a linguagem oral e escrita.

Contudo, isto aconteceu como fruto de um projeto provisório. É fundamental para escola e os que dela fazem parte em todas as suas instâncias, perceberem a importância de dinamizar, multiplicar as formas de ensinar. A aprendizagem só será efetivada na sala de aula se estes compreenderem que são responsáveis pela formação plena dos seus alunos e isto inclui formar bons leitores.

Felizes para sempre...

Tudo está bem quando acaba bem...

O sultão e a sultana tiveram outra menina e o jardineiro e sua mulher, o menino. Os príncipes e a princesa já estão em idade de se casar, mas a princesa já anunciou que antes vai dar a volta no mundo para cumprir a promessa feita pelo pássaro falante. Os dois príncipes, seus irmãos, estão aprendendo a tocar flauta e alaúde, para acompanhar a árvore que canta. O jardineiro e sua mulher decidiram engarrafar a água dourada e o sultão e a sultana a distribuirão a todos os necessitados para que todos possa, ser felizes como eles.

Pronto, já falei de todo mundo...Agora posso dizer:
“E todos foram felizes para sempre!”.

(...)

O quê? Você quer saber o que houve com o macaco, o cachorro e a porca? Isso já é querer demais...Esta história acaba aqui!

Me conte uma que conto outra..

Fragmento do texto: **“A árvore que canta, o pássaro que fala e a Fonte que rejuvenesce”**

Maté (1ª edição: 1959).

CONSIDERANDO: FORAM FELIZES PARA SEMPRE?

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios[...]. Para cúmulo do desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do Morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com um livro de leitura e a gramática nos joelhos.

MACHADO DE ASSIS

O mundo globalizado tem deixado pouco espaço para o deleite proporcionado pela leitura de um livro, sobretudo para as pessoas que têm um contato direto com ele, tendo em vista que, diante das exigências desse mundo, a praticidade e a rapidez são elementos privilegiados.

Vivemos um momento histórico onde as mudanças sócio-culturais acontecem de forma acelerada, neste contexto o ato de ler (re)emerge como um meio de restabelecimento de valores, hábitos e vivências que estão sendo relegados em nome de práticas mais modernas. A leitura para a criança, independente da época, cultura e classe social deve ser estimulada como um instrumento de conhecimento, um meio de facilitar a compreensão do mundo (natureza e sociedade), uma prática que contribui para a mesma entender as pessoas e as ações.

No entanto, a importância de trabalhar a leitura em sala de aula e fora dela é algo inquestionável e necessário. A observação realizada, a partir da intervenção pedagógica mediada pelo projeto “Kit Contagiar”, permitiu verificar como a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da criança e para uma disseminação da leitura prazerosa.

Os resultados ali observados foram relevantes, uma vez que forneceram uma série de informações valiosas para subsidiar a nossa prática educativa, haja vista que o docente é por muitas vezes o único mediador da leitura e, conseqüentemente, uma leitura por fruição só estará presente nas salas de aula onde houver um educador leitor.

Durante os meses de intervenção pedagógica, pude perceber diversos pontos positivos diante da utilização do “Kit Contagiar” na sala de aula. A *participação* dos alunos de forma significativa nas leituras e práticas de contação de histórias conduziu a uma *socialização* perceptível na maneira deles se relacionarem uns com os outros, com a professora e autores. O *encantamento* visivelmente observado nos olhos e falas dos alunos conduziram a resultados esperados no que se refere à disseminação da leitura por prazer, refletindo dessa forma na *aprendizagem* lúdica.

Dentre os pontos negativos estão: a disponibilidade do espaço para a realização de atividades lúdicas, a exemplo do projeto que colocamos em prática, pois a sala de aula, como foi mencionado anteriormente, não era um espaço atrativo para a prática de leitura; mas, o principal foi saber que ainda existem muitos espaços escolares, a exemplo do qual foi realizada a pesquisa, que não valorizam a leitura, não estimulam seus alunos.

As histórias infantis – lidas ou contadas – são importantes porque, além da aquisição de conhecimentos e habilidades, podem contribuir para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos positivos. No caso específico das crianças, a relação com o livro pode provocar um redimensionamento da própria existência. Na infância, talvez mais que em qualquer outra fase da vida, a leitura serve para recrear o espírito, entender e respeitar as idéias alheias, esclarecer dúvidas, perceber a mobilidade do mundo e, sobretudo, despertar para o desejo de saber mais.

Fazer parte deste projeto foi de fundamental importância. A experiência me permitirá melhorar a minha prática docente diante de uma aprendizagem significativa, porém lúdica, causando fascínio nas crianças. O resultado desta pesquisa levou-me a refletir sobre as possibilidades de práticas de leituras na sala de aula, como utilizar a literatura infantil em um contexto escolar, no qual os alunos muitas vezes não têm o contato com esse gênero literário. Assim, continuar este trabalho é de fundamental importância para trazer uma aprendizagem com uma visão nova.

Espero ter contribuído para uma prática docente, na qual a leitura por prazer seja seu principal objetivo; para que isso aconteça, o professor, antes de proporcionar momentos de leitura, deve ser um modelo de leitor.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. A importância das histórias. In: _____. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. 4.ed. São Paulo. Scipione. 1997.

_____. Como a poesia é considerada. In: _____. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. 4.ed. São Paulo. Scipione. 1997.

_____. As rimas. In: _____. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. 4.ed. São Paulo. Scipione. 1997.

_____. O ritmo. In: _____. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. 4.ed. São Paulo. Scipione. 1997.

AMARILHA, Marly. Silêncio: a hora da narrativa na escola. In: _____. Estão mortas as fadas?. Petrópolis. Vozes. 1997.

_____. O lúdico na Literatura: o caso da poesia. In: _____. Estão mortas as fadas?. Petrópolis. Vozes. 1997.

BAZERMAN, Charles, DIONÍZIO, Angela Paiva & HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org). Gêneros textuais, tipificação e interação. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 1999.

BRAGATTO FILHO, Paulo. Pela leitura literária na escola do 1º Grau. São Paulo. Editora Ática. 1995. Coleção Série Educação

BELLEZI, Clenir; JORDÃO, Rose. A literatura portuguesa: Idade Média e Renascimento. In: _____. Linguagens: Língua, literatura e produção de texto. São Paulo. Escala Educacional. 2007

BURLAMAQUE, Fabiane Veradi. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In. TURCHI, Maria Zaira & SILVA, Vera Maria Tietzmann (orgs.) Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão. São Paulo. Cultura Acadêmica. Assis. SP. ANEP. 2006

CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo. Paulus. 2002. (Pedagogia e educação).

CHARTHIER, Roger. A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII, Tradução de Mary Del Priore. Brasília. Editora UNB, 1994

COELHO, Nelly Novaes. Ciência versus mistério. In: _____. O conto de fadas São Paulo. Ática. 1987.

_____. Indicadores que possibilitam a escolha. In: _____. O conto de fadas São Paulo. Ática. 1987.

COSTA, Marta Morais da. Conceitos sobre o ensino de Literatura. In: _____. Metodologia do Ensino da Literatura Infantil. Curitiba. Ibplex. 2007.

_____. Os gêneros da Literatura Infantil: a narrativa. In: _____. Metodologia do Ensino da Literatura Infantil. Curitiba. Ibplex. 2007.

_____. Quanto à estrutura. In: _____. Metodologia do Ensino da Literatura Infantil. Curitiba. Ibplex. 2007.

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DINORAH, Maria. A Literatura Infantil no Brasil. In: _____. O livro infantil e a formação do leitor. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 1995.

_____. A arte de contar histórias. In: _____. O livro infantil e a formação do leitor. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 1995.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. Cortez. São Paulo. 1982.

GÓES, Lúcia Pimentel. Introdução à literatura infantil e juvenil. São Paulo: Pioneira. 1984.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro. DP&A 1997

IVO, Lêdo. O rato da sacristia. 2ª ed. São Paulo. 2002.

JESUALDO. A literatura infantil. (tradução de James Amado). São Paulo. Cultrix. Ed. da Universidade de São Paulo. 1978.

JOSÉ, Elias. Leitura: prazer, saber e poder. In: _____. Literatura Infantil: ler, contar e encantar crianças. Porto Alegre. Mediação. 2007.

_____. A possível releitura poética do mundo. In: _____. Literatura Infantil: ler, contar e encantar crianças. Porto Alegre. Mediação. 2007.

_____. A arte de contar e cantar. In: _____. Literatura Infantil: ler, contar e encantar crianças. Porto Alegre. Mediação. 2007.

JOUE, Vincent. A leitura. Trad. Brigitte Hervor). São Paulo. UNESP. 2002.

KHÉDE, Sonia Salomão. Os contos de fadas. In: _____. Personagens da literatura infanto-juvenil. 2. ed. São Paulo. Ática, 1990. (Série princípios).

_____. Lendas e mitos: conceitos. In: _____. Personagens da literatura infanto-juvenil. 2. ed. São Paulo. Ática, 1990. (Série princípios).

MARTINS, Aracy Alves. BRANDÃO, Heliana M. B. & MACHADO, Maria Zélia V. (Org). A escolarização da leitura literária. O jogo do livro infantil e juvenil. In: SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 1999.

MEKSENAS, Paulo. A pedagogia como ciência. In: Pesquisa Social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Layola, 2002.

MOREIRA, Herivelto & CALEFFE, Luiz Gonzaga. Metodologia da Pesquisa para o professor pesquisador. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. Sabedoria das águas. São Paulo. Global. 2004.

OLIVEIRA, Sebastião Monteiro; LIMA, Antonia Silva de. O mito na formação da identidade. Disponível In: <http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/5mito_formacao.pdf> Capturado em Outubro de 2011.

PAES, José Paulo. É isso ali: poemas adulto-infanto-juvenis. 3ª ed. São Paulo. Salamandra. 2005.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e releitura. In: _____. A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre. Mediação. 1996.

RIBEIRO, Maria Augusta Hermengarda Wurthmann. Projetos de leitura: caminhos possíveis do ensinar e do aprender. In: TURCHI, Maria Zaira e SILVA, Vera Maria Tietzmann (orgs.). Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão. São Paulo. Cultura Acadêmica. Assis. SP. ANEP. 2006.

ROCHA, Ruth. Palavras, muitas palavras...São Paulo. Quinteto editorial. 1998.

SANTOS, Joel Rufino dos. Gosto de África: histórias de lá e daqui. São Paulo. Global. 2005.

ZILBERMAN, Regina. A formação do leitor. In: _____. A Literatura Infantil na escola. São Paulo. Global. 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE I – CONJUNTO DE FOTOS DA SALA DE AULA DA TURMA



Fig. 1 Janela com vidro danificado



Fig. 2 Formas de exposição dos trabalhos



Fig. 3 Sala de aula do segundo ciclo inicial



Fig. 4 Sala de informática e leitura com infiltrações

FOTOS: **Fabírcia Araújo Batista**

APÊNDICE II – ALGUNS DOS MATERIAIS QUE COMPÕE O “KIT CONTAGIAR”

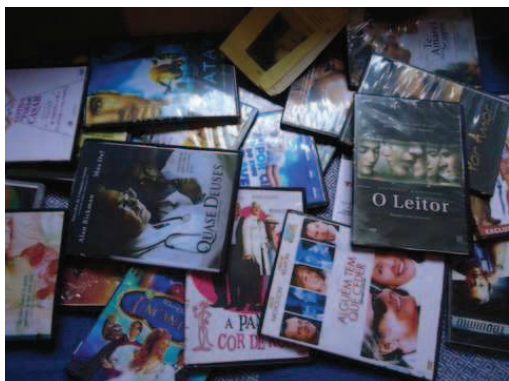


Fig. 5 DVDs que fazem parte do projeto “Kit Contagiar”



Fig. 6 Livros e fantoches que fazem parte do projeto “Kit Contagiar”



Fig. 7 Uma das caixas decoradas do “Kit Contagiar”



Fig. 8 Alguns cordéis do “Kit Contagiar”



Fig. 9 Alguns fantoches que fazem parte do “Kit Contagiar”



Fig. 10 Alguns gibis que compõem o projeto “Kit Contagiar”

ANEXO

ANEXO I – PROJETO DE LEITURA “KIT CONTAGIAR”

KIT CONTAGIAR*

Contagiar leitores é um ato de amor

Vera Lúcia dias de oliveira

*“A literatura infantil nasceu adulta
e se transformou em criança
como um toque de magia e fantasia.
E o mundo literário eternizado
nos livros e na mente do leitor.”
Vera Lúcia Dias de Oliveira*

Justificativa

Com o objetivo de contagiar leitores e aproximá-los do universo literário. Nasceu o **KIT CONTAGIAR** que é levar a leitura de vários gêneros literários na casa do leitor. Neste sentido a leitura passa a ser prazerosa, cria um vínculo afetivo com a linguagem: oral, escrita, visual e corporal. E o leitor passa a contagiar outros leitores para o universo lingüístico. Ao ler um livro, assistir uma peça de teatro, assistir um filme, escutar uma música, a fantasia se funde a realidade e as experiências vividas passam ter sentido e a aprendizagem mais significativa. Enfim, não há atividade humana que se constitua sem comunicação, sem as histórias passadas de geração a geração e sem a cultura que cada indivíduo possui para agir no mundo.

Palavras chave – Contagiar, comunidade, universos lingüístico.

Objetivos:

- Disseminar a leitura às crianças, jovens e adultos nos bairros de Campina Grande;
- Conhecer o universo lingüístico;
- Contagiar leitores.

Metodologia

Deixar em uma casa com um leitor, um **KIT CONTAGIAR**: caixa decorada, contendo livros, gibís, CDS, DVDs e cordéis. Encarregado de lê e emprestar o conteúdo do kit para os vizinhos e amigos. A cada 15 dias fazemos uma sabatina das leituras e listamos o novo recheio do novo Kit e verificamos as fichas de controle de livros de cada leitor. Em seguida nos reunimos para uma roda de leituras de livros, sarau poético e contação de histórias. Em seguida conversamos sobre os livros, as leituras, escritores, poetas, ilustradores, as histórias lidas e as que gostariam de ler.

O Kit é trocado quando os leitores envolvidos lêem todos os livros; geralmente a cada 3 meses. A cada encontro contagiamos leitores.

Desenvolvimento

Disseminar a leitura é um ato de amor, porque universaliza o saber e passa de geração a geração, além disto, aproxima os leitores de todas as faixas – etárias e amplia o círculo de amizades e a afetividade. Como disse um jovem leitor **“ler é bom! porque evita os jovens de ficar nas ruas e fazer besteira.”** Ciente do papel que desempenhamos na educação em contribuir com uma aprendizagem significativa e cidadãos conscientes para agir, desenvolver, formar e reformular conceitos e interagir no meio. Contagiar um leitor já é o suficiente, pois um leitor contagiado contagia outro e sucessivamente.

Estimular leitores a viajar no universo literário é apaixonante e isto é comprovado quando eles ao contar uma história lida nos revelam o fascinante mundo mágico, que nos ensina, nos diverte e nos transportam a mundos e amplia nossos desejos e sonhos; bem como, nos estimula a continuar a viajar no universo lingüístico e literário.

RESULTADOS

- Contagio de leitores;
- Compreensão da Lectoescrita;
- Aceleração da aquisição de habilidades pertencentes à lectoescrita;
- Desenvolvimento do hábito de praticar a leitura de gêneros literários;
- Acentuação do prazer de ler livros, poesias, gibís e outros gêneros literários e de adquiri-los para a leitura;
- Maior familiaridade do leitor com a complexa modalidade das linguagens utilizadas nos livros, nas poesias, nos gibis e outros;
- Extensão da aproximação afetiva entre os leitores infante/juvenil e os adultos leitores da família, dada a efetivação do **KIT CONTAGIAR**, dos momentos de leituras domésticas, rodas de leituras, sarau poéticos, e ou conversas sobre o universo lingüístico;
- Desenvolvimento das inteligências múltiplas: lingüística, corporal, intrapessoal, interpessoal;
- Avanço significativo na interpretar e compreensão de textos escritos e de gêneros literários;
- Os leitores são multiplicadores de leitores.

Público alvo

Crianças, jovens e adulto do bairro da Liberdade em Campina Grande -PB.

*O projeto Kit Contagiar faz parte do Plano Nacional do Livro e leitura - PNLL